

TABU QUE EXCLUI A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA MINERAÇÃO

O ouro “desaparece” quando há mulheres



Maria Cussaia expõe alguns produtos minerais extraídos na província de Tete



São necessárias duas rochas como estas na imagem para produzir um grama de ouro

n EVELINA MUCHANGA

MULHERES juntam-se em associação e participam na extração artesanal de ouro numa mina em Sussundega, província de Manica, centro de Moçambique.

E, não é para menos, há cada vez mais mulheres que buscam sustento nesta actividade, embora haja mitos que lhes “empurram” para o segundo plano.

Entre os tabus está a crença popular de que na presença da mulher o ouro desaparece da mina.

“Dizem os exploradores artesanais que quando estamos no período menstrual não devemos ir à mina. Assim, a mulher nunca é aceite na mina porque não se sabe quando é que ela está menstruada”, lamentou Elisa Taunde, 42 anos, membro da Associação de Pandire.

Acrescentou que, mesmo na actividade de processamento, quando estiver menstruada, a mulher é impedida de participar e é recomendada a ir à machamba ou realizar outras tarefas domésticas.

Para inverter o cenário, estas mulheres convenceram os homens a lhes fornecer as rochas que contêm ouro e elas trabalham no seu processamento para a obtenção do minério para a venda.

“É um trabalho difícil de fazer, não por ser muito complexo, mas porque exige o uso de mercúrio que é um produto perigoso que pode causar a morte”, disse.

Contudo, Elisa disse-nos que na associação de que faz parte com outras 32 mulheres, não se registou algum incidente porque desde que iniciaram a actividade foram sendo aconselhadas a usar luvas quando entram em contacto com o produto.

O sacrifício está a valer a pena para a vida desta mulher, mãe de cinco filhos. Em três anos que está envolvida nesta actividade, Elisa e outros membros da associação já conseguiram construir as suas casas com material convencional, compraram camas e mantêm os filhos na escola.

Encontrámos Elisa há dias

no Centro de Conferências das Telecomunicações de Moçambique, em Maputo, local onde decorreu o Primeiro Seminário Nacional e Feira de Género e Indústria Extractiva: Partilha de Experiências de Boas Práticas em Moçambique.

Durante o encontro, que tinha como objectivo promover a indústria extractiva, foram debatidos diversos temas relacionados com o género e a indústria extractiva. Foram identificados os pontos fracos para serem melhorados os planos, as estratégias, para que no futuro se tenha uma maior participação de mulheres na actividade.

Produzir para ajudar necessitados



Em vista produção de bio-coal

NA feira participou também Maria Cussaia, 52 anos. Ela é membro da associação de mulheres paralegais que trabalham com outras na indústria extractiva nos distritos de Moatize e Marara, província de Tete.

Contou-nos que há um projecto que está sendo concebido de produção de carvão feito de biomassa e os restos de carvão descartados pelas mineradoras

para beneficiar associações de mulheres reassentadas em zonas longe das minas artesanais que eram a base do seu sustento.

"Apareceu um projecto de japoneses que estão a tentar introduzir, através das associações e da direcção de mineração, o fabrico de carvão com base nos restos de carvão descartados pelas mineradoras juntando com a biomassa (sobras pro-

duto agrícola, por exemplo)", explicou.

Marla Cussaia disse ainda que se fez alguma experiência e o projecto mostrou ser promissor, pois, "com o carvão, podem-se preparar os alimentos e mais ainda não liberta fumo, pode ajudar na preservação do meio ambiente, pois não haverá necessidade do abate de árvores para a produção do carvão vegetal", referiu.

Contudo, a nossa entrevistada lembrou que quando se começou a falar da indústria extractiva, as pessoas não percebiam o que era e começaram a surgir problemas que careceram de atenção do Governo, da comunidade e sociedade civil, pois a sociedade, sobretudo mulheres, sentia-se excluída do processo.

Actualmente, Cussaia entende que um dos problemas que contribuem para a fraca participação da mulher na mineração é, de facto, a falta de formação. "Quando apareceu a indústria extractiva em Tete, não tínhamos universidades. Era difícil uma mulher sair de Tete para estudar em Maputo. Então, a indústria extractiva chegou e encontramos em contrapé, não tínhamos recursos ou pessoas preparadas para trabalhar", observou. Para a nossa fonte, foi devido a esse défice que as mineradoras começaram a contratar pessoas de outras províncias e de outros países que beneficiaram em primeira mão da indústria extractiva.

"Mas, neste momento, há algum número significativo de mulheres jovens que estão lá a trabalhar. Porém, já sabe, na comunidade, as mulheres mais crescidas dizem que querem estar lá a trabalhar nem que seja na limpeza e nós, como sociedade civil, sempre procuramos estar lá para prestar apoio", frisou.



Elisa Taunde explicando como se extrai o ouro



Beatriz Cintura mostrando produtos confeccionados pelos membros

BEATRIZ Cintura é uma mulher que trabalha a terra não para extrair minérios, mas sim para produzir comida e medicamentos para ajudar outras mulheres e necessitados de alguns distritos da província de Manica.

Ela é membro da Associação Nhacha Dzamai (Amor de Mãe) e presidente do Movimento Moçambicano da Mulher Rural. Nas suas machambas, as mulheres produzem variedades de alimentos como inhame, feijão-nhamba, soja, abóbora e mandioca.

"Damos aulas de culinária para que as mulheres saibam aproveitar o que produzimos. Passar a valorizar, por exemplo, a cenoura, alface e moringa de forma adequada", exemplificou.

Nas machambas e nos quintais, os membros fazem crescer plantas medicinais, com destaque para *Aloe vera*, da qual extraem medicamentos para tratar doenças da pele, como, por exemplo, a tinha. "Temos

muitas crianças com problema de tinha, manchas e borbulhas. Ensinamo-las como preparar o creme para a pele e ajudamos estas crianças", revelou.

Durante os tempos livres, os mais de 800 membros aprendem sobre violência doméstica, como cuidar das crianças, da higiene pessoal e colectiva. Falam também da importância da alfabetização e educação de adultos e encorajam as mulheres a optarem pela formação.

"Enquanto esperamos pela colecta, crescimento de produtos agrícolas e cereais, fazemos o crédito de poupança que usamos como um banco comunitário. Depositamos uma certa quantia, os membros pedem empréstimo, vão desenvolver as suas actividades e devolvem o valor com juros de 20 por cento. Os juros beneficiam aos membros assim como à comunidade em geral tal como crianças órfãs, doentes crónicos e idosos vulneráveis".

Sensibilizar as comunidades

A EXISTÊNCIA de tabus e mitos à volta da participação da mulher na mineração constitui um dos desafios identificados no decorrer do seminário, segundo Fátima Mahomed, assessora do ministro dos Recursos Minerais e Energia.

"São esses tabus que estamos a tentar remover, sensibilizando a população, mostrando que se é para não haver ouro não haverá, estando lá as mulheres ou não. O ouro não foge, está lá. É um trabalho que está sendo feito a nível das comunidades", garantiu Fátima Mahomed.

Para além dos tabus, a formação técnica é outro entrave que contribui para que menos mulheres

participem de forma activa na indústria extractiva.

A nossa fonte explicou que há muitas mulheres que não abraçam a carreira técnica e adequada à mineração, embora reconheça que de uns tempos para cá já se começa a verificar uma participação considerável de mulheres nesta área.

"Por exemplo, nos cursos de engenharia, temos tido alguma participação. Posso dizer que há 20 anos talvez se contasse o número de mulheres que lá estavam. Mas agora já encontramos algumas engenheiras e geólogas e isto é algo que está a contribuir para que a mulher participe, activamente, nessa actividade", disse.

Há títulos para mineração

FÁTIMA Mohamade fez saber que o Governo, através do Ministério dos Recursos Minerais e Energia, tem uma política e estratégia de recursos minerais, que tem lá a componente de género, com ênfase para o papel importante que a mulher pode ter na indústria mineira.

Segundo a assessora, há várias formas que podem permitir uma maior participação da mulher na indústria extractiva, entre as quais ser a detentora de títulos

mineiros, empregar-se, prestar ou fornecer serviços que as mineradoras necessitam. "Temos vários títulos. Podem ser de pesquisa, de exploração ou de emprego. Ela pode ser a detentora de títulos, mas também pode ser empregada na indústria extractiva. Empregada como técnica, geóloga, engenheira do ambiente, ou em ligações empresariais. Ela ainda pode prestar ou fornecer serviços a essas mineradoras. Portanto, pode oferecer

serviços de consultoria, etc.", destacou, encorajando as mulheres a apostarem em cursos que de alguma forma vão permitir a sua participação activa na mineração.

Aliás, avançou que o Ministério dos Recursos Minerais e Energia tem feito palestras nas escolas falando da importância da participação da mulher na indústria extractiva e, desta forma, encorajar as alunas a apostarem em cursos técnicos.



Bio-coal pode ser alternativa ao carvão vegetal